



## Dos Campos para as Bancadas Esportivas<sup>1</sup>

Carlos Cesar Domingos do AMARAL<sup>2</sup>  
Cintia Cerqueira CUNHA<sup>3</sup>

### RESUMO

A função de comentarista de futebol configura uma carreira em ascensão. Talvez, por isso, a maioria dos comentaristas de futebol seja ex-jogador, pois, para eles (os jogadores), é uma ótima maneira de continuar em evidência na mídia depois de “pendurar as chuteiras”. Isso faz com que muitos jornalistas formados percam espaço. Então, esse estudo pretende mostrar se eles estão prontos para esse trabalho, mesmo não tendo a formação jornalística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Especializado; Jornalismo Esportivo; Comentaristas de Futebol.

### INTRODUÇÃO

Os comentaristas de futebol são aqueles que analisam para o torcedor o que está acontecendo dentro de campo. Eles também são considerados os “filósofos da bola”, mas o que chama a atenção nessa “filosofia futebolística” é o grande número de ex-jogadores nesses cargos. Neto, Denílson, Edmundo, Casagrande, Ronaldo Giovanelli, Caio Ribeiro, entre outros, fazem parte desse seleto grupo. Mas o que os “condecora” como entendedores desse esporte? O fato de terem jogado em grandes clubes e na Seleção Brasileira?

A função de comentarista de futebol configura uma carreira em ascensão. Talvez, por isso, a maioria dos comentaristas de futebol seja ex-jogador, pois, para eles (os jogadores), é uma ótima maneira de continuar em evidência na mídia depois de “pendurar as chuteiras”. Isso faz com que muitos jornalistas formados percam espaço. Então, esse estudo pretende mostrar se eles estão prontos para esse trabalho, mesmo não tendo a formação jornalística.

A figura do comentarista esportivo é muito questionada pelos torcedores. Muitos acham que qualquer um pode trabalhar nessa função. Uma das causas seria a facilidade encontrada para ancorar a opinião nos recursos tecnológicos que as empresas dispõem atualmente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Uniube - MG. E-mail: carlaomestre@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, Uniube, MG, e-mail: [cintia.cunha@uniube.br](mailto:cintia.cunha@uniube.br)



Por isso, mostrar o grande número de ex-jogadores na profissão de comentarista na TV e tentar levantar, a partir dos estudos, se eles estão habilitados para essa função, mesmo sem terem a formação jornalística, configura como o principal objetivo desse estudo.

Tendo em vista os grandes eventos esportivos que o Brasil sediará nos próximos anos, esse trabalho se torna necessário para que se possa verificar a qualidade do comentário de futebol feito na TV brasileira.

A busca da compreensão do preparo ou não de ex-jogadores para trabalhar na função de comentarista esportivo, no lugar dos jornalistas, partiu da revisão documental de sites e jornais e pesquisa bibliográfica de livros de jornalismo esportivo.

## **DESENVOLVIMENTO**

O site Comunicação e Esporte (2011) relata sobre o início da função do comentarista de futebol.

Nos USA, as transmissões esportivas começaram em 1912, sendo que o primeiro comentarista surgiu apenas em 1921: Florent Gibson, na cobertura da luta de boxe entre Johnny Ray e Johnny “Hutch” Dundee para o jornal Pittsburg Star. Infelizmente, no caso brasileiro não é tão fácil rastrear quando surge essa figura, mas uma boa aposta é o jornalista pernambucano Mário Filho (1908 – 1966).

Bezerra (2008) caracteriza o comentarista da seguinte forma:

O comentarista tem a função de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe de forma diferenciada o jogo. Ele deveria ter uma área de credibilidade não se envolvendo em disputas emocionais, sem conteúdo, que, ao invés de enriquecer a transmissão, empobrece. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo um determinado jogador. Tudo isso baseado no conhecimento em que tem daquele esporte específico e não em comentários mediúnicos e esotéricos como muito se vê hoje em dia. Numa transmissão, é importante que o comentarista divida a reportagem com o apresentador, repórteres e outros envolvidos. Seu conteúdo deveria ser passado de uma forma simples e didática para o torcedor. Mas muito do que se vê hoje na televisão e no rádio é aquele que finge ser contundente ou indignado com o andamento da partida ou fato ocorrido. Neste caso, o comentarista corre o risco de virar um grande personagem. (BEZERRA: 2008, p.90)

A informação que os atuais comentaristas esportivos passam (os furos jornalísticos) abala as estruturas das redações esportivas, pois basta um deles afirmar uma contratação bombástica que os outros querem ver se isso é verdade ou não.

Isso faz com que se aumente a “luta” pela audiência e principalmente pela verdade



absoluta ou outras vertentes da informação, algo que hoje não é muito explorado. Mesmo que eles não mostrem imparcialidade por causa do amor “clubístico”, tudo aquilo que dizem ou analisam vira notícia.

Isso indica que certamente eles pautam a própria emissora ou os concorrentes, pois se certa emissora não investiga tal informação ela estará se omitindo. A Teoria do Agendamento que afirma se o jornal “A” não informa o fato, ele sairá perdendo, pois com certeza os concorrentes irão noticiar.

Mas comparar o jornalismo com a experiência vivida dentro de campo é algo inadequado. Basta ressaltar o exemplo do comentarista da Bandeirantes Denílson, que afirmou no Programa *SP Acontece* que “tudo aquilo que vivemos dentro de campo nenhum jornalista irá ter, mas o jornalismo com o tempo a gente aprende”.

O comentário é, no mínimo, desrespeitoso, visto que quaisquer jornalistas preparados academicamente e comprometidos com sua profissão poderiam perfeitamente comentar futebol no lugar do supracitado jogador. Afinal, além da formação jornalística, são eles é que montam quase tudo daquilo que os comentaristas (ex-jogadores ou não) leem antes do programa esportivo.

Inúmeras vezes, o comentarista Neto, da Bandeirantes, conta informações “bombásticas” que estremecem as redações jornalísticas. A maioria delas tem algum fundamento, pois ele possui muitos amigos no meio esportivo. Com isso, o ex-jogador-atual-comentarista ganha credibilidade, mas muitas vezes, por ele fazer algumas brincadeiras em pleno ar, acaba sendo considerado inconveniente por alguns telespectadores e/ou internautas. Mas o que devemos ressaltar sobre esse comentarista é que no mesmo *SP Acontece* ele afirmou que os ex-jogadores de futebol (atuais comentaristas) aprendem muito com os jornalistas e que, em contrapartida, eles tentam ajudar os jornalistas com a sua experiência dentro dos gramados, afinal, o que importa é fazer uma boa cobertura e, com isso, um bom jornalismo.

Os comentaristas – como lembra o próprio nome – se detêm nos detalhes, no comentário, e em geral estão presos ao jogador, ao individual em detrimento do coletivo: suas intervenções são a partir da especulação, do subjetivo. O comentarista é analítico e busca a racionalidade, muitas vezes indo ao passado para buscar explicações. (CABRAL apud KAPLAN e REZENDE, 1994, p. 112).

As diferenças entre os comentaristas e os jogadores, enquanto falantes, também são significativas: “os primeiros têm um grande espaço, são especulativos e pouco objetivos; o espaço de fala dos jogadores é curto e tumultuado, restrito a comentários banais sobre treinamentos e resultados”. (TEMER 2009, p. 13)



Muitos sites “condenam” a prática desses comentaristas que, por não serem formandos, demonstram parcialidade e cometem algum erro ou outro na hora da pronúncia. Encontramos dois *sites* que não são a favor dos comentaristas de futebol. Um deles é o **CH3** (2011), que define os mesmos como dois tipos básicos de comentaristas:

O comentarista de jogo e o comentarista de arbitragem. O comentarista de arbitragem é uma infeliz criação da Rede Globo. Consiste em um ex-árbitro que depois de assistir a jogada quarenta vezes critica o árbitro por ter errado. Sendo que: 1) o comentarista no tempo de árbitro errava muito; 2) qualquer pessoa que assiste o jogo tem condição de julgar se o juiz acertou ou errou. Existem duas formações possíveis para ser comentarista de futebol. Uma é ser ex-jogador de futebol. A outra é ser jornalista. O ex-jogador de futebol tem a vantagem de poder falar várias besteiras em nome da sua experiência.

O outro é o **Palavra Livre** (2011), que expõe a sua opinião da seguinte forma:

Considero a coisa mais chata da imprensa brasileira o profissional de jornalismo que é comentarista ou colunista de futebol e contraria a realidade dos fatos (alguns “brigam” até contra as imagens da televisão) ou simplesmente se aproveita de sua tribuna para atacar as pessoas, bem como ironizar aqueles que não leem por sua cartilha ou por motivo qualquer não o agrada, seja o futebol apresentado, o jeito de ser ou uma declaração mal recebida. Alguns, conforme o órgão de imprensa onde trabalham, para o meu deleite e diversão, são chamados de ‘especialistas’, em futebol, é claro.

Já Heródoto Barbeiro apresenta o que o comentarista deve ter como característica para exercer esse trabalho:

O comentarista tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer. (...) Não é uma função fácil. Não adianta falar o óbvio, ou seja, esperar as coisas aparecerem para dar sua versão e sua análise. É preciso antever. E, para isso, o comentarista precisa ter conhecimento do assunto, experiência e a vivência no esporte. Mais do que qualquer membro da equipe, o comentarista precisa ter conhecimento profundo das regras do esporte sobre qual fala ou escreve. E se cometer um engano apesar do estudo e do domínio do assunto, o comentarista deve reconhecer no ar o seu erro. Ao fazê-lo ele ganha credibilidade do público. (BARBEIRO: 2006. pp.78-79)

Na afirmação acima, torna-se claro que para trabalhar nessa área é necessário ter experiência no ramo. Porém, como comentaristas os ex-jogadores ganham forças, pois foram eles viveram determinadas emoções dentro dos gramados.



Todos sabem que jornalista não é artista. O jornalista trata apenas de fatos, os artistas vivem da ficção. Os jornalistas esportivos cobrem uma atividade que está intimamente ligada ao entretenimento. O trabalho como jornalista dá notoriedade, especialmente para os profissionais que aparecem na tela. É da natureza da profissão. Há quem considere que cobrir competições seja um trabalho ‘artístico’, age como ‘artista’ e julga fazer parte do espetáculo, como se não existisse o espetáculo sem ele. Nada contra essa postura, desde que fique bem claro que isso não é jornalismo. É entretenimento. (BARBEIRO: 2006, pp. 92-93).

Os comentaristas ex-jogadores devem agora trabalhar com os fatos e não ficarem fazendo brincadeiras durante os programas esportivos, pois isso denigre a profissão, além de muitas vezes comprometer a audiência. Eles são formadores de opinião e não artistas.

Os veículos eletrônicos estimulam a transformação de locutores, comentaristas, repórteres, narradores em ‘artistas’ e estes se julgam parte do show e por isso tem o direito e o dever de participar como um personagem. Durante muito tempo, as transmissões consagraram esse estilo e ainda hoje ele pontifica nos programas de ‘debates esportivos’ quando cada participante assume um personagem que se repete nos programas seguintes. Um sempre é o ‘bonzinho’, o outro é o ‘zangado’, outro é o ‘flamenguista’ ou corinthiano’ ou ‘gremista’. Enfim, fingem que são o que falam. Fingir, porém, é autêntico apenas na profissão de ator.

Já com os jornalistas esportivos é diferente. A cobertura alegre, descontraída, animada não deveria nunca se confundir com programa humorístico. É um trabalho que é sério sem ser sisudo e respeita as regras do jornalismo como a acurácia. Não se faz sensacionalismo usando notícias inverídicas, sem nenhuma confirmação, fruto apenas de especulação para construir falsos debates e eletrizar os torcedores. (BARBEIRO: 2006, pp 92- 93).

Não importa se a maioria dos comentaristas de futebol são ex-jogadores, o que importa é se eles são imparciais e comentam o jogo de uma forma clara e objetiva. Pois repito que o obvio não é preciso ser dito. Mas o fato de os ex-jogadores terem se tornado comentaristas se deve ao que afirma:

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalismo de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc. o que explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso. Se o único motivo capaz de despertar interesse no espectador é o comentarista ter sido jogador de futebol, é bom que esse fato seja de domínio geral do público. Para as gerações mais jovens, isso passa totalmente despercebido. (COELHO: 2008, p. 37)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enfatiza o jornalista Heródoto Barbeiro (2006), é o comentarista que permite ao torcedor acompanhar de forma diferenciada o jogo através de suas explicações e análises. Para isso, acredito que a formação jornalística seja de extrema importância para o desempenho dessa função, e os ex-jogadores não possuem o preparo necessário, embora tenham experiência dentro da prática esportiva.

O fato de existirem ainda poucos jornalistas especializados em alguns esportes não é motivo contundente para a contratação de ex-jogadores, pois, para todos esses esportes, existem jornalistas apaixonados e que estão prontos para comentar qualquer tipo esporte. Basta que os grandes chefes das emissoras incentivem a especialização de seus colaboradores, antes de contratar ex-jogadores apenas pela audiência que possam angariar.

Com a proximidade das várias competições internacionais a serem sediadas pelo Brasil – Copa das Confederações, Copa do Mundo e Olimpíadas –, é chegada a hora de os jornalistas interessados em desenvolver cobertura esportiva ampliarem sua especialização, seja no futebol, seja em outras modalidades do esporte.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. Dissertação de Mestrado. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: 2008. Disponível em: <<http://www.casperlibero.edu.br/pesquisas/pesquisa/index.php/o-futebol-midiatico:-uma-reflexao-critica-sobre-o-jornalismo-esportivo-nos-meios-eletronicos,22.html>>. Acesso em 11 de Abr. de 2011.

CABRAL, Sérgio. (1994) **Flagrantes da Crônica Esportiva**. In KAPLAN, Sheila e REZENDE, Sidney. **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis: Vozes: 1994.

CH3. Disponível em: <<http://chtres.blogspot.com/2009/05/guia-ch3-como-se-tornar-comentarista-de.html>> Acesso em 11 de Abr. de 2011.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COMUNICAÇÃO E ESPORTE. Disponível em: <<http://comunicacaoesporte.wordpress.com/tag/comentaristas/>>. Acesso em 11 de Abr. de 2011.



PALAVRA LIVRE. Disponível em: <<http://jblog.jb.com.br/palavralivre/2011/09/02/o-comentarista-de-futebol/>> Acesso em 11 de Abr. de 2011.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O Brasil do futebol é o Brasil da democracia racial.** Universidade Federal de Goiás, 2009.